7

Discurso na cerimônia de lançamento do Centro de Excelência em Produção de Petróleo em Águas Profundas

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 23 DE JANEIRO DE 1997

Senhor Ministro Paulo Renato, da Educação; Ministro Vargas, da Ciência e Tecnologia; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhor Senador Teotônio Vilela; Senhor Deputado Roberto Santos; Presidente da Petrobras, Doutor Rennó; Senhores Reitores; Senhora Reitora; Senhores e Senhoras; Senhores Professores que aqui se encontram; Senhoras Professoras,

Eu tenho a impressão de que o que foi dito pelos Ministros e pelo Doutor Rennó, que explicaram o sentido deste acordo, destes atos que estamos firmando, é suficiente para dar a importância, para marcar a importância do que nós estamos fazendo nesta matéria.

Mas eu não queria me furtar ao prazer de, ao felicitá-los pelo que estão realizando, reafirmar a minha imensa confiança nas transformações que estão ocorrendo no Brasil e na posição cada vez mais central, mais dentro das preocupações nacionais, da ciência e da tecnologia. E, sobretudo, na capacidade que nós, brasileiros, temos tido, nestes tempos de desafio, de encontrar caminhos que permitam a continuidade dos trabalhos e permitam que retomemos o elã e, em algumas áreas em

que nunca o tivemos, ganhemos o elã, para que seja possível realmente ao Brasil seguir adiante no seu curso. Curso que será, crescentemente, uma função do desenvolvimento educacional e do desenvolvimento científico e tecnológico.

No mundo de hoje, já o disse o Ministro Paulo Renato, é necessário que se faça aquilo que o Ministro Vargas também propôs, ou seja, que haja um entrosamento, uma convergência crescente entre os diversos segmentos da sociedade. As universidades compreenderam isso e estão abertas a esse entrosamento. Entrosamento que há se ser feito não em proveito de uma empresa, mas em proveito do conhecimento comum e do avanço das condições de produção, que terminarão, naturalmente – e terminará esse avanço –, por propiciar ao País uma melhoria nas condições de vida concretas da população.

A Petrobras, nesta matéria, sempre esteve na vanguarda, sempre foi aberta à possibilidade de uma cooperação. E, mais uma vez, demonstrou isso. E me entusiasma, aqui, ouvir isso do Presidente da Petrobras. Até disse a ele, cochichando ao ouvido, que eu quero ver mesmo esse desenvolvimento, e tenho certeza de que se fará. Eu quero ver mesmo esse desenvolvimento, porque dobrar a capacidade de exploração em águas profundas, num curto período de tempo, não é uma tarefa fácil.

Quando um país é capaz de, afirmativamente, se propor a essas tarefas, e não o faz por demagogia, mas o faz porque tem o caminho já calçado, é que esse país está, realmente, amadurecido, para que possa participar, com mais galhardia, dos desafios da competitividade. E esse desafio não é escolha nossa, é imposição de circunstâncias, que tem a ver com a mudança do sistema produtivo no mundo. E o Brasil está se preparando para isso.

E a Petrobras assumiu, mais uma vez, o compromisso de liderança nessa matéria. Ela já é líder de perfuração em águas profundas. Está, agora, afirmando essa liderança e lançando-se a uma tarefa ainda maior, que vai permitir, naturalmente, que ela possa competir, e com vantagem, não só no Brasil, mas no âmbito mundial, na exploração de petróleo em águas profundas. Isso é muito importante.

E é muito importante também esse sentimento que as universidades têm, de que são partícipes dessas transformações e estão muito próximas daquilo que está ocorrendo, em termos concretos, na vida produtiva deste país.

E, ao dizer isso, não estou dizendo para que se imagine que o Governo pense que as universidades devam ater-se a esses programas, que são programas altamente importantes, porque permitem que haja concentração de esforços do setor privado junto com o setor público. Não. O Ministro da Ciência e Tecnologia sabe do meu empenho na criação dos centros de excelência, na existência de recursos efetivos para que sempre universitários, alguns também dependendo das universidades, possam ter melhores condições de trabalho, independentemente da aplicação prática, imediata do resultado desses trabalhos.

Numa visão madura de sociedade, nós não podemos pensar que somente por um caminho a ciência vai se desenvolver. Ela vai se desenvolver por uma confluência de esforços, que terão que ser desenvolvidos em nível adequado e com recursos adequados conforme o nível. É natural que, no que diz respeito à ciência básica, o Governo, o Estado, através do Tesouro, possa fornecer, em complementação aos recursos próprios das universidades, dos governos estaduais e, às vezes, até municipais, possa fornecer, eu dizia, os recursos para que a pesquisa avance. Mas, noutros setores, até mesmo pela definição do que é necessário, do que é novo, é natural que isso seja feito com a colaboração direta do setor privado.

E me anima ouvir as palavras do Ministro Vargas, de que nós estamos avançando no financiamento através, também, da participação, que não é só das empresas, porque isso implica renúncia fiscal. Por conseqüência, há também, aí, uma ação direta do Estado induzindo as empresas a que elas possam apostar, com mais confiança, nas transformações tecnológicas. Essa outra parceria entre o setor privado e o setor público permite que se avance mais.

Por todas essas razões, como Presidente da República, eu só posso estar confiante num país que está sendo capaz de juntar esforços e juntar universidade, governo, empresa privada, cientistas, trabalhado-

res, porque o futuro de todos nós depende dessa capacidade de convergência. Nem sempre, na história, é assim. Há momentos em que se requerem rupturas. Nos momentos em que as rupturas são necessárias, rompe-se. Nos momentos em que se requerem convergências, há que se trabalhar para essas convergências. Não são duradouros nem um nem outro momento. Normalmente os de ruptura duram menos, mas têm efeitos mais imediatos, e os de convergência duram mais e têm efeitos menos imediatos. É o que o Ministro Vargas, repetindo o que eu tenho dito, chamou de revolução silenciosa.

No mundo moderno, as revoluções têm sido mais silenciosas do que revoluções de rupturas bruscas, e, na história, nada nos assegura que sempre será assim. Mas não adianta nós imaginarmos como será a história que não está ao alcance dos nossos olhos. Cabe a nós aceitarmos os desafios tais quais eles se colocam historicamente. E, historicamente, se coloca ao Brasil a necessidade de uma continuada revolução silenciosa, que pede a convergência de todos os setores da sociedade. É o que eu tenho feito reiteradamente e, quando vejo, como hoje, frutos nessa direção, fico muito contente e agradeço imensamente a cooperação de todos.

Muito obrigado.